Mayra Rodrigues Gomes

Professora Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, é bolsista de Produtividade em Pesquisa, PQ1, pelo CNPq. Concentra pesquisas em análise de discurso e processos de interdição da palavra.

E-mail: mayragomes@usp.br

A crítica e o *ombudsman*: algumas interrogações sobre enunciação e discurso

Mayra Rodrigues Gomes

Resumo

Diante das inúmeras realizações de crítica de mídia, pretendemos examinar, aqui, a modalidade de crítica que se realiza nas intervenções de um *ombudsman*. Supomos, de um ponto de vista de análise do discurso, que tal intervenção fala sobre os modos de ser da prática jornalística em relação ao campo como um todo e em relação à política editorial do veículo. Ao mesmo tempo, supomos que as manifestações de um *ombudsman* também falam, ainda que como pressuposto, subentendido ou alusão, dos discursos que circulam em uma cultura. Para captar posicionamentos, exercícios de crítica e discursos, adotamos a observação das colunas de Paula Cesarino Costa, *ombudsman* da *Folha de S. Paulo*, jornal pioneiro ao inaugurar a função em 1989. Nosso foco será suas observações na semana anterior, concomitante e posterior à greve dos caminhoneiros, em maio de 2018, fato escolhido em virtude de seu alcance.

Palavras-chave: Crítica de mídia. *Ombudsman*. Greve dos caminhoneiros.

The criticism and the ombudsman: some questions about enunciation and discourse

Abstract

Facing many forms of media criticism, we propose, in this paper, the attention to the media criticism actualized in the ombudsman journalistic interventions. We suppose, from the point of view of discourse analysis, that such performance speaks about the journalism practices in relation to its field, as a whole, and in relation to the vehicle, in its editorial politics. Therefore, we suppose that the ombudsman reports also speak, at least as presupposition, sub-intention or allusion, about the discourses that circulate in a culture. In order to apprehend positions, circulating discourses and criticism exercises, we explore Paula Cesarino Costa's articles in *Folha de S. Paulo*, pioneer newspaper in the ombudsman introduction, a presence since 1989. Our focus will be this ombudsman writings previously, concomitantly and subsequently to the truck-driver strike in May 2018, event chosen because of its temporal and geographical extent.

Key words: Media criticism. Ombudsman. Truck-drivers strike.

Uma investigação

Propomos, neste espaço, a travessia por entendimentos do que seria o exercício de uma crítica e, dentro desse panorama, o que poderíamos compreender como crítica de mídia.

Temos entendido “crítica” como um exercício que se realiza em diversos sentidos. Resumindo um longo trajeto de grandes pensadores, há duas significações centrais que, de certa forma, absorvem a diversidade de significados atribuída ao conceito.

A mais tradicional e, talvez a mais antiga acepção, vinculada aos estudos que a filosofia inaugurou, diz respeito a uma investigação minuciosa que traga à luz a natureza do objeto investigado e, portanto, suas projeções na cultura. Uma reflexão crítica só pode ter lugar a partir da obtenção desses dados, ponderando-os de forma a possibilitar um posicionamento firme e, no mínimo, coerente. Essa concepção de crítica não implica, necessariamente, uma acusação, uma negação ou desvalorização de seu objeto.

A outra significação central subsume um conjunto de compreensões do exercício da crítica como apontamento de falhas, de rompimento com expectativas. Esta é uma significação corriqueira e popular. Se, por um lado, implica um exame prévio do objeto/assunto criticado, conduz sua investigação de um ponto de vista mais reduzido. Por outro lado, esse tipo de exercício pode ser levado, e muitas vezes é, para a perspectiva da crítica ela própria como um valor, independente da corroboração ou não dos fatos. A crítica como um valor *per se*, sem consubstanciação é, talvez, uma marca da modernidade tardia. Ser “crítico” é até louvável, ou desejável: uma atitude estimulada em projetos educacionais.

Interessa-nos aqui uma espécie de meio termo: a crítica que se pratica com o exercício do apontamento de falhas a partir de uma observação atenta dos dados em relação aos valores de uma cultura, ou em relação aos valores tidos como básicos e fundamentais, por seu papel numa integração social equânime. Cientes do papel das mídias em nossa formação, ou na formação de uma comunidade, interessa-nos a crítica de mídias, ou melhor, o apontamento dos modos de seu exercício, desde que consubstanciado pela prática de análise e reflexão.

Entendemos que uma das modalidades em que a crítica de mídia se realiza está vinculada à presença de *ombudsman* nos veículos que abrigam essa forma de intervenção. Essa presença implica análise da produção jornalística, de suas estratégias discursivas e narrativas, de seu comprometimento com uma autêntica informação, que tanto nos falta nestes tempos de *fake news*. Por esse motivo, entre outros, a presença de *ombudsman* foi eleita por nós como o foco de investigação no presente artigo.

No conjunto das matérias que compõem um jornal há muitos conteúdos, talvez todos, com sinais de exercício da crítica: alguns com argumentos mais pessoais, outros com ambições de demonstrar certa universalidade nas razões das posições assumidas.

Desse conjunto selecionamos as matérias concebidas pelo *ombudsman* porque elas pretendem contemplar uma espécie de justeza para com a sociedade ao lado da ambicionada justeza da informação veiculada pelos jornais.

Assim, tomamos como base de observação a mídia pioneira nessa modalidade de apuração no Brasil, o jornal *Folha de S. Paulo*, que inaugurou a função do *ombudsman* em 1989. Dentro desse âmbito, exploramos as colunas de Paula Cesarino Costa, jornalista e *ombudsman* do jornal desde abril de 2016, cujo mandato como *ombudsman* na *Folha de S. Paulo*, em 2018, foi estendido até 2019.

Ainda no desenho da constituição de um corpus que propiciasse o presente estudo, delimitamos o campo de atuação às observações do *ombudsman* sobre evento de impacto e repercussão na vida brasileira: a greve dos caminhoneiros que se estendeu por 11 dias a partir do dia 21 de maio de 2018. A categoria parou, em todo o Brasil, para rei-

vindicar a redução dos preços do óleo Diesel, que tiveram um aumento de mais de 50% nos últimos 12 meses, e a fixação de uma tabela mínima aplicada aos valores de frete.

Em torno desse eixo, observamos os apontamentos publicados pela *ombudsman* na semana anterior, na concomitante e na posterior à greve dos caminhoneiros.

Supomos, de um ponto de vista de análise do discurso, que tal intervenção fala sobre os modos de ser da prática jornalística em relação ao campo como um todo e em relação à política editorial do veículo. Sobretudo, entendemos que ela faz apelo a princípios, reforçando um ideal de *ethos* dos jornalistas.

Mas, por uma questão de lógica das linguagens, devemos supor que as manifestações de um *ombudsman* também falam, ainda que como pressuposto, subentendido ou alusão, dos discursos que circulam em uma cultura.

Na realidade, consideramos a manifestação do *ombudsman* a partir das observações de Dominique Maingueneau que apresenta os discursos nesse ponto em que constituem o panorama que acolhe a emergência de uma fala, a do *ombudsman* inclusive:

Em contrapartida, quando se fala de cena de enunciação, considera-se esse processo “do interior”, mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola. Um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é encenada (MAINGUENEAU, 2006, p. 250).

Por um lado, a citação acima traz uma compreensão de fala aparentada à concepção de interdiscurso, pelo qual um discurso emerge do diálogo com outro, e, ao mesmo tempo, à concepção das formações discursivas, que funcionam como panorama geral, um agregado de discursos em que um acontecimento pode ter lugar, em que uma fala encontra sua brecha e seu chão (literalmente o lugar de onde parte uma fala). Por outro lado, o texto de Maingueneau introduz a concepção da fala como encenação, como a colocação, a partir dos discursos, de roteiros e rotinas em ato.

Para explicar essa compreensão, Maingueneau coloca a existência de cenas que se recobrem uma às outras, ou se descascam como uma cebola, e que estruturam a situação de enunciação ou situação de fala, num processo em três níveis.

Começa por apontar uma cena caracterizada como *englobante*, correlata a um tipo de discurso definido por sua função social. Assim, no caso de nosso objeto de exame, podemos considerar que ele faz parte do campo do discurso jornalístico, condição facilmente identificável por qualquer leitor do texto. A *cena englobante* estará, pelo sim pelo não, sempre comandando a fala do *ombudsman* que, afinal, dispõe sobre os maneirismos do campo.

A seguir, Maingueneau introduz a noção de uma *cena genérica* relacionada aos gêneros de discursos convocados pela *cena englobante*. Como se sabe, gêneros nos direcionam a rituais e papéis sociais, portanto, a padrões, a modelos pré-estabelecidos, remetendo a interlocutores que se vinculam a um tipo de comunicação.

Para as colunas de um *ombudsman*, está definido o universo da cena genérica como a interlocução do *ombudsman* com seu jornal e, ao mesmo tempo, com seus leitores. Mas está definido, também, um gênero discursivo, com suas estratégias textuais particulares, que podemos denominar “crítica”.

A crítica como gênero se respalda em certos padrões (a análise, a comparação, o confronto com outras produções de mesmo teor, o confronto com as expectativas ditadas pela cultura no momento...) exatamente como uma crítica de arte, por exemplo, procederia e que tem tudo a ver com o entendimento de crítica como averiguação, análise, posterior elogio ou depreciação, segundo modelos consensuais.

Porém, Maingueneau dá ênfase ao *plano da cenografia*, que deixa a *cena genérica* em segundo plano, pois implica no que há de mais caro para os discursos, para uma fala: a captura do leitor/ouvinte. Em nossa investigação, podemos ver que a crítica exercida pela *ombudsman* coloca o leitor numa situação diferenciada, pois dialoga com ele sobre a produção do jornal, e coloca o *ombudsman* na posição especial de jornalista/crítico “oficializado”.

No *plano da cenografia*, ou em toda *cena de enunciação*, trabalha-se com uma perspectiva socialmente avalizada, como a função do *ombudsman*, um dia inventada no bojo do controle em prol da democracia, que empresta legitimidade a um papel “habitual” e valorizado no interior de uma cultura.

Desde sua emergência, a palavra supõe certa situação de enunciação, a qual, com efeito, é validada progressivamente por meio dessa mesma enunciação. Assim, a cenografia é, ao mesmo tempo, origem e produto do discurso; ela legitima um enunciado que, retroativamente, deve legitimá-la e estabelecer que essa cenografia de onde se origina a palavra é precisamente a cenografia requerida para contar uma história, para denunciar uma injustiça etc. Quanto mais o coenunciador avança no texto, mais ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 118, grifos do autor).

À situação de enunciação está ligado o posicionamento do sujeito enunciador, o *ethos* por ele assumido. O *ethos* é aqui considerado como algo que se constrói na própria enunciação, seja pelas escolhas narrativas do jornalista, seja pelas escolhas interpretativas subsumidas na crítica. Ambas as escolhas correspondem ao trabalho do *ombudsman*.

Portanto, consideramos a presença em nosso objeto de estudo de um *ethos* de natureza intradiscursiva, o que equivale a perceber o jornalista como uma figura que aflora das escolhas feitas dentre o conjunto dos discursos que permitem a emergência de suas expressões.

Ora, em se tratando de uma posição crítica em relação ao próprio jornalismo, tais expressões dizem respeito a um *ethos* ideado para o campo que será percebido pelo destinatário como o discurso “correto” sobre o fazer jornalístico. Assim, os traços interdiscursivos que delineiam um *ethos* serão interpretados, em nossa investigação, como traços do *ombudsman*/jornalista/crítico e, ao mesmo tempo, como traços que marcam o fazer jornalístico.

As matérias e seus contornos

A matéria “Manifestação ou manipulação?”, de Paula Cesarino Costa, no jornal *Folha de S. Paulo* em 20 de maio de 2018, portanto, um dia antes da eclosão da greve dos caminhoneiros, trata de questões políticas, com ênfase na possível sabinagem televisiva do ex-presidente Lula, e nas controvérsias geradas por esse assunto em diversas mídias.

A matéria de 10 de junho na *Folha de S. Paulo*, “Goleadas de informação. Copa é evento de imagens em ambiente de hiperconcorrência para jornais”, portanto, após o encerramento de todas as disputas em torno da greve, trata, como o título enuncia, de circunstâncias motivadas pela proximidade da Copa Mundial de futebol.

Assim, Paula Cesarino Costa manifestou-se em relação à greve dos caminhoneiros, como *ombudsman*, por duas vezes: em 27 de maio e em 3 de junho de 2018.

1ª inserção

No dia 27 de maio, seis dias após o início das manifestações, ela escreveu:

A imprensa foi atropelada. Folha não conseguiu responder à pergunta fundamental: Quem parou o país?

A semana terminou com mais de 500 obstruções em estradas do país. Postos de combustível fecharam, ônibus deixaram de circular, aviões ficaram em terra, produtos sumiram das prateleiras, indústrias pararam, hospitais interromperam tratamentos, ambulâncias e carros de polícia racionaram gasolina. A distribuição de jornais e revistas foi afetada.

Esse foi o cenário provocado por caminhoneiros e/ou empresas de transporte que decidiram realizar paralisação para forçar a redução do preço do diesel, que subiu 12,3% em maio e já é um dos mais altos da história.

A manifestação surpreendeu a maioria dos brasileiros. Desde o início do mês, no entanto, o governo recebera avisos de entidades ligadas a caminhoneiros de que havia indicativos de paralisações.

Em 7 de maio, o Blog dos Caminhoneiros informava que os protestos contra os seguidos aumentos de diesel tinham começado, em Barra Mansa (RJ), na via Dutra, e iriam se intensificar. Dava a dica de que a articulação estava sendo feita por meio de redes sociais.

No dia 14, a Associação Brasileira dos Caminhoneiros (Abcam) protocolou ofício na Presidência da República exigindo a redução dos impostos sobre os combustíveis, com prazo até dia 20. No dia 18, a Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos (CNTA) lançou comunicado em que mencionava a possibilidade de paralisação a partir de segunda-feira, 21, o que de fato ocorreu.

*Os jornais não souberam dos alertas ou não deram importância a eles. O governo demorou a reagir. Interrupções em várias estradas do país, incluindo vias importantes e próximas do leitor da **Folha** como Anhanguera e Anchieta/Imigrantes, foram registradas de forma discreta no site e ignoradas na versão impressa. Até terça-feira, 22, ninguém atentou para a dimensão que o movimento poderia adquirir.*

A categoria dos caminhoneiros reúne cerca de 600 mil profissionais sindicalizados. Ao todo, há no país 1 milhão de caminhoneiros autônomos.

*Quando dezenas de estradas foram bloqueadas ficou evidente o despreparo da imprensa em geral, não só da **Folha**, para cobrir e explicar as origens, os personagens e os desdobramentos do movimento.*

Não se sabia com quem falar. Não se explicava como tinha sido organizado de forma tão ampla. Eram raras as vozes e os rostos dos que estavam à frente do movimento. Ou não havia líderes? Era um movimento só de autônomos? Havia empresários por trás? Os jornais demoraram a começar a entender. E a explicar para seu leitor.

*A edição da **Folha** de quinta-feira (24) cita a CNTA só ao mencionar o alcance da greve. Reportagem e análise tratavam apenas do lado oficial: governo, Congresso e Petrobras. Evidenciam o olhar viciado do jornal no poder e o distanciamento e a pouca informação de setores organizados da sociedade. Nenhum repórter demonstrou ter entre suas fontes um líder dos transportadores.*

Não era tarefa simples. É uma categoria pulverizada, sem liderança única, com sindicatos concorrentes, muitos autônomos e com grandes empresas de transporte organizadas. E a articulação se deu essencialmente por aplicativos de mensagem instantânea, estratégia cada vez mais comum e que dificulta a apuração.

*A **Folha** demorou para conseguir dar a seu leitor um mínimo de informações sobre os protagonistas dos atos que pararam o Brasil. No final da noite do dia 24, colocou no ar reportagem interessante sobre caminhoneira que havia criado três grupos de WhatsApp, pelos quais convocava apoiadores para o ato. Não foi publicada na versão impressa.*

A editora de Mercado, Alexa Salomão, foi transparente ao explicar que tinha três repórteres dedicados a essa apuração, mas que, até o início da noite de sexta, a história não estava pronta para ser publicada.

“Como essa mobilização está parando o país e há suspeita de locaute, seria leviano atribuir a esta ou àquela entidade ou empresa a liderança da mobilização sem que tivéssemos mais detalhes”, afirmou.

*A incapacidade dos jornais de identificar, mensurar e explicar como o país chegou à crise que afetou a rotina de todos é preocupante. Em um momento crucial para mostrar sua relevância, a **Folha** deu indicações de despreparo, desnorteamento e fragilidade de análise.*

Para além dos atos em si, toda a questão legal e política da reação do governo, que anunciou o uso das Forças Armadas contra manifestantes e expedientes temerários como a requisição de bens, era por demais confusa e foi pouco questionada e analisada.

Os jornais foram atropelados pela greve dos caminhoneiros e empresas de transporte.

Alberto Dines (1931-2018) deixou lições que devem inspirar todo ombudsman. [Conheça algumas de suas reflexões](#). (COSTA, 27 de maio de 2018).

2ª inserção

Na semana seguinte, quando a greve dos caminhoneiros já estava encerrada, no dia 3 de junho Paula Cesarino Costa escreveu:

*Mundo novo não tão admirável. Greve prejudica circulação da **Folha** e mostra fragilidade do jornalismo online.*

*A greve de caminhoneiros parou o país, mudou a rotina dos brasileiros e atingiu a relação do leitor com a **Folha**.*

*Na capital e na Grande São Paulo, na terça-feira (29), cerca de 30% dos distribuidores do jornal não tiveram condições de cumprir o trabalho, de acordo com a direção da **Folha**. No restante do país, os exemplares não foram entregues em 70% das rotas terrestres (estados de SP, RJ, MG, PR e cidades de Florianópolis e Campo Grande). A distribuição só foi normalizada na quinta-feira, 31.*

Sem o jornal na porta, mas em busca de orientação e entendimento sobre a greve, muitos assinantes tiveram uma nova experiência de leitura, via aplicativos e site da **Folha**.

Um dos aplicativos é a simples reprodução fac-similar da versão impressa. Permite ler o jornal como se estivesse folheando o papel. O outro é equivalente ao site do jornal. Publica textos e imagens produzidos durante o dia, indo além do noticiário impresso. Todo assinante tem acesso a ambas regularmente. É normal que essas versões tenham sido mais acessadas nos dias da crise.

Considerando a versão fac-similar, persistem as reclamações de leitores em relação à dificuldade de carregar as páginas e de ampliá-las (zoom).

Muitas das opções gráficas do jornal impresso não funcionam ou são de visualização difícil ou prejudicada no computador ou celular. O novo projeto gráfico privilegia a diagramação de páginas duplas, que só funciona no papel.

O leitor Marcelo Martins exemplificou: “Acho bacana quando a **Folha** testa novos formatos de editar matérias. A capa da ilustrada de 23/5 foi um belo exemplo. A fita cassete e o texto editado ao lado. Uma beleza, se você está com o jornal impresso. Se é um leitor do jornal no computador, posso adiantar que não é muito prático virar o seu notebook lateralmente. Também acho pouco viável ter um torcicolo para ler a bela matéria. O jornal fala tanto de sua edição digital, mas ainda pensa apenas para os leitores do papel.”

Outro exemplo criticado por leitores foi o fato de que quem buscava notícias da greve no aplicativo da versão impressa só encontrava o noticiário depois de folhear todo o jornal. O caderno Mercado aparecia só depois da Ilustrada.

A dimensão da paralisação e a necessidade de dar muitas informações a todo minuto obrigaram a **Folha** a optar por uma modalidade de cobertura conhecida como live blog — identificada no site como Ao vivo. Trata-se do relato em tempo real de acontecimentos, por meio de publicações curtas e constantes.

Segundo o editor-executivo da Folha, Sérgio Dávila, o Ao Vivo ficou no ar oito dias ininterruptamente, entre 24 e 31 de maio, com equipes deslocadas para madrugada na Redação e na rua. “O recurso editorial tem como objetivo publicar pílulas, extratos de reportagens e de colunas para que o leitor navegue por elas e tenha um panorama do que ocorre em uma cobertura com várias frentes. Em 182 horas no ar, foram 879 postagens. O serviço foi alimentado por toda a Redação e teve como foco a produção digital e a prestação de serviço em tempo real”, disse.

A **Folha** registrou uma audiência excelente nos dias de greve, afirmou o editor-executivo. “Quando há notícia importante, inesperada, de impacto, os internautas correm para o site do jornal. Não foi diferente desta vez: eram pessoas que queriam o noticiário mais quente, mas também serviço, análise e interpretação. Fechamos maio com 35,9 milhões de UV (usuários únicos). No mês, foram 243 milhões de visualizações de páginas, superando abril, mês da prisão do ex-presidente Lula. Boa parte dos acessos foi direcionada para o Ao Vivo, serviço relevante que a **Folha** oferece em situações como a da semana passada”.

Se essa modalidade tem a vantagem de agilizar o noticiário com a publicação imediata das notícias produzidas, a frequência e o volume de texto dificultam a hierarquização e a compreensão do panorama geral dos acontecimentos. Não raro o conjunto das publicações ao vivo resulta em uma sucessão de reportagens desarticuladas, sem que exista uma tentativa de ligar os fatos.

A introdução da cobertura com texto que apresenta o tema, mas não necessariamente destaca o mais importante, gera ruído na leitura de quem está acostumado à hierarquização clássica das informações.

Na última segunda-feira, por exemplo, o texto de abertura começava com uma notícia de domingo à noite e assim ficou por muito tempo.

A pressa com que os textos são frequentemente redigidos transparece no resultado final: contêm erros, carecem de linha de narrativa e são desiguais na qualidade da apuração, no enfoque e na redação.

A longa paralisação dos caminhoneiros levou a experiência da cobertura ao vivo ao extremo, iluminou suas dificuldades e lançou imensos desafios.

Um mundo novo se estende aos leitores do jornal, mas ainda está longe de ser admirável (COSTA, 3 de junho de 2018).

Apontamentos gerais

Na primeira matéria sobre a greve, Paula Cesarino Costa apresenta a extensão das paralisações e os problemas gerados para depois mencionar a razão principal da greve, a saber, uma tentativa de forçar a redução do preço do diesel que, na sequência de muitos aumentos, só em maio subiu 12,3%.

A partir daí comenta a estranha surpresa de todos, já que o governo sabia da possibilidade de uma paralisação, pois recebera avisos de entidades referindo-se ao descontentamento com os preços. Ressalta uma espécie de cadência de notas que subentendiam uma provável paralisação. O *Blog dos Caminhoneiros*, em 7 de maio, já tinha avisado que os protestos tiveram início, com promessas de intensificação, que as convocações estavam sendo feitas através das redes sociais.

No dia 14, a Associação Brasileira dos Caminhoneiros (Abcam) enviara exigência à Presidência da República de redução dos impostos sobre os combustíveis, estabelecendo o dia 20 como prazo de espera de alguma solução. Também concorre com estes anúncios um comunicado da Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos (CNTA) mencionando possível paralisação a partir de segunda-feira, dia 21.

Paula Cesarino faz esse percurso narrativo para fundamentar sua acusação de que os jornais não sabiam de nada ou que não deram a devida importância a estes sinais. Na verdade, esse fato é resultado da descrença num movimento dessa ordem por entidades que nem têm suas lideranças definidas.

Mas, na fala de Paula Cesarino insinuam-se as dimensões de um *ethos* jornalístico que, antes de tudo, deveria estar sempre *ciente* das circunstâncias e, portanto, deveria ser capaz de *iluminar* seus leitores, antecipando possibilidades. Entre essas duas expressões, paira um discurso jornalístico que propõe um tipo de prática como dever, a informação como saber que emerge da perspicácia, da atenção redobrada e da investigação constante.

Como consequência da ausência desse modo de agir, “Os jornais demoraram a começar a entender. E a explicar para seu leitor”.

Notemos aqui o emprego da palavra “jornais”, no plural, emprego que faz supor uma asserção direcionada não somente à *Folha*, em suporte impresso e/ou digital, como também aos outros veículos do panorama nacional. Paula se torna, assim, a *ombudsman* do jornalismo.

Numa apreciação mais específica, ela aponta o olhar “viciado” do jornal, pois tem seu foco, em reportagens sobre a greve, no poder e na Petrobrás, nas medidas ou contramedidas que estavam sendo cogitadas pelas instituições governamentais. Até nisso o jornal é falho, pois ele apresenta de forma difusa as possíveis alternativas a que os governos se referem, sem esclarecê-las.

Não houve repórter com fontes entre lideranças dos caminhoneiros, afirmação que supõe algum tipo de orientação, ainda que dispersa e mesmo que manifestada em redes sociais.

Ressalta uma diferença que frequentemente acontece entre o impresso e o online. Houve instigante reportagem online sobre a caminhoneira que tinha criado três grupos de WhatsApp para convocar seus colegas para a paralisação. Contudo, essa matéria não chegou ao impresso.

No geral, a observação da *ombudsman* é de que os jornais não sabiam e não deram a devida importância a um contingente de 1 milhão de caminhoneiros autônomos. Era de se prever algo da monta do que foi criado com a paralisação.

Paula Cesarino termina dizendo que “a **Folha** deu indicações de despreparo, desnorreamento e fragilidade de análise”.

Como fica bem demonstrado, até mesmo como estratégia discursiva da *ombudsman*, tudo foi bem examinado e suas críticas, que se estendem aos demais jornais, estão embasadas em observação e ponderação de dados, aliás, por ela fornecidos.

Trata-se aqui da crítica que aponta tropeços, mas ela é resultado da análise do tratamento dado pelo jornal, ou diríamos jornais. Também é uma crítica a partir do pressuposto de um *ethos* jornalístico segundo o qual o jornalismo deve estar a par do que se passa pelo país, ao ponto de poder prever as direções dos mecanismos e não ser pego de surpresa diante da greve anunciada e desacreditada. Supõe, ainda, que o jornalismo deve, e isto por certo é pauta de seus manuais, dar um tratamento que implique investigação responsável dos elementos e condições envolvidos num

evento a ser noticiado.

Na segunda matéria sobre a greve em 3 de junho no jornal *Folha de S. Paulo*, “Mundo novo não tão admirável. Greve prejudica circulação da *Folha* e mostra fragilidade do jornalismo online”, Paula Cesarino Costa, por certo em virtude de reivindicações de colegas, abre espaço para vozes que mostram um efetivo engajamento do jornal na procura de dados e na oferta de informação.

Ela começa apontando os efeitos da greve em relação à deficiência de distribuição da *Folha*, cujos leitores foram então procurar notícias em aplicativos e no site do jornal.

Ela se refere à existência de dois aplicativos, um de reprodução fac-similar da versão impressa. O outro é um site do jornal alimentado ao longo do dia com novas notícias.

Paula Cesarino dá espaço para leitores que comentam as dificuldades de se baixar a versão fac-símile. Nesse passo, ela avalia que o novo projeto gráfico da *Folha* funciona bem no papel, mas não oferece boa acessibilidade online. Ao lado disso, o site apresentou inversão de ordem dos cadernos, o que acrescentou dificuldades para os leitores.

A partir daí, é anotada a opção do jornal, diante das dificuldades de distribuição, de conduzir uma cobertura do tipo *live blog*, no site *Ao Vivo*, em que se procura dar informações pontuais e constantes.

Na sequência, cita o editor-executivo da *Folha*, Sérgio Dávila, que procurou reforçar o empenho do jornal no acompanhamento e transmissão dos fatos, com equipes trabalhando ininterruptamente desde o dia 24 até o dia 31. “Em 182 horas no ar, foram 879 postagens”. Declara que essa forma noticiosa teve substancial audiência.

Afirmar a que Paula Cesarino retruca, apontando o fato de que a vantagem da publicação imediata das notícias é impactada pelo fato de que frequência e volume de informação impedem sua disposição organizada e também a apreensão de uma visão geral das ocorrências.

Nesse caso, há explícita referência ao dever do jornal de interligar as informações de forma a lhes conferir sentido. Também é explícita a referência às falhas, até mesmo de redação, que acompanham a pressa dessas notícias instantâneas.

Nas críticas tecidas na segunda matéria, repetem-se os pressupostos de um *ethos* jornalístico que envolve empenho, responsabilidade e aprofundamento de investigações. Reforça-se a ideia de que o jornal deve aprimorar o formato de sua oferta online e deve, também, dar mais atenção a sua produção textual.

Há, no entanto, um discurso que é invocado de formas diferentes em ambas as matérias e que nos alça a um patamar de maior exigência quanto ao fazer jornalístico.

Na última matéria, ressalta-se a posição final da *ombudsman* que clama pela organização dos fatos a ser realizada pelo jornalismo. Ela denuncia a falta de tempo, na informação ao vivo, para que a narrativa teça uma linha condutora que aglutinaria os fatos com a pretensão de oferecer uma visão geral.

Nessa matéria há uma oscilação entre fazer jus ao empenho do veículo, com a palavra do editor chefe que se levanta em defesa do jornal, e prosseguir com as críticas que certamente foram bastante duras na primeira matéria e ainda continuam, embora mais brandas, na segunda matéria.

Mas é no título da primeira matéria que vemos uma demanda radical ser feita ao jornalismo: “A imprensa foi atropelada. *Folha* não conseguiu responder à pergunta fundamental: Quem parou o país?”.

Ora, essa demanda parece transcender, talvez, o escopo do jornalismo, mesmo se orientado pelo mais alto grau de compromisso com a informação, mesmo se embasado nos mais altos parâmetros de conhecimento geral e da política brasileira como um todo. Isso porque essa pergunta vai muito além do apontamento de um responsável único, de resto dificilmente assinalável. A questão supõe o desnudamento das tramas que se tecem nos planos administrativos.

Afinal, quem parou o país? Seriam questões antigas com uma explorada Petrobrás cujas mazelas e dívidas têm sido historicamente acobertadas. Seriam as antigas dívidas da empresa responsáveis pelo crescente aumento do preço dos

combustíveis? Ou seria o atual governo, frequentemente associado a um desgoverno, responsável por taxas abusivas num processo de recompor a economia nacional?

Seriam os políticos em geral, passados e presentes, com o encargo histórico que representam para o erário público os responsáveis por uma dívida insanável que recai sobre a população, sistematicamente, em forma de aumento de taxaço?

Há inúmeras possibilidades de repostas. Mas, qualquer que seja, em sua complexa série de condições e dados, traz a suposição do entendimento de que o jornalismo deve imprimir sentido ao conjunto de acontecimentos, convertendo-os em narrativa coerente.

Na cena posta, com a análise crítica das produções da *Folha* ao longo da greve dos caminhoneiros, a *ombudsman* alude à condição humana em geral, sempre vinculada ao saber narrativo. Chega a antepor essa condição à natureza ou *ethos* do jornalismo. Isso porque consideramos que a expressão formulada no título da matéria a que nos referimos, a saber, a demanda imposta pela *ombudsman*, é encenada no rastro de saberes que nos mostram como entidades de linguagem. Afinal, um simples título remete, por implicação, à ideia de que nos constituímos no seio das linguagens, onde, ao mesmo tempo, tecemos sentidos, ao articularmos/enunciarmos os fatos em histórias bem contadas.

Referências

ASSOCIAÇÃO Brasileira dos Caminhoneiros (**Abcam**). Disponível em: <http://www.abcam.org.br/index.php/pt/>. Acesso em 03/08/2018.

BLOG do Caminhoneiro. Disponível em: <https://blogdocaminhoneiro.com/>. Acesso em 03/08/2018.

CONFEDERAÇÃO Nacional dos Transportadores Autônomos (**CNTA**). Disponível em: <https://www.cntabr.org.br/>. Acesso em 03/08/2018.

COSTA, Paula Cesarino. A imprensa foi atropelada. Folha não conseguiu responder à pergunta fundamental: Quem parou o país?. **Folha de S. Paulo**, 27 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/paula-cesarino-costa-ombudsman/2018/05/a-imprensa-foi-atropelada.shtml>>. Acesso em 03/08/2018.

COSTA, Paula Cesarino. Mundo novo não tão admirável. Greve prejudica circulação da Folha e mostra fragilidade do jornalismo online. **Folha de S. Paulo**, 3 de junho de 2018.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/paula-cesarino-costa-ombudsman/2018/06/mundo-novo-nao-cao-admiravel.shtml>>. Acesso em 03/08/2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.